

**UMA “HERANÇA SEM MANUAL DE INSTRUÇÕES”. O TROTSKISMO  
COMO IDENTIDADE EM EDMUNDO MONIZ.**

Victor Emmanuel Farias Gomes

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob orientação do Prof. Dr. Reinaldo Lindolfo Lohn.

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES.

victor.emmanuelfarias@gmail.com

Em 1980, em lembrança dos quarenta anos do assassinato de Leon Trotski, a Convergência Socialista, organização trotskista brasileira, realizava um ato em memória do líder comunista. No encontro, a jovem corrente recebia militantes que passaram pelas fileiras trotskistas décadas antes. O que ocorreu nas dependências da Associação Brasileira de Imprensa foi não apenas uma manifestação de apreço pela trajetória de Trotski, mas também um trabalho de memória dos presentes, sobretudo os que tiveram uma sinuosa relação com o líder da Revolução Russa. Barreto Leite Filho, jornalista que manteve proximidade com Luís Carlos Prestes no início da década de 1930 mas que chegou a militar junto aos trotskistas na segunda metade daquela década, narrou a reunião em artigo para a *Folha de S. Paulo*.

Dos discursos e do material escrito que obtive, concluí, porém, que em termos de cultura, de conhecimentos teóricos e de conhecimento dos fatos, os trotskistas de hoje não se comparam de longe aos da época de Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Aristides Lobo, Rodolfo Coutinho, irmãos Abramo e outros. (...) Apesar disto, os trotskistas de hoje são incomparavelmente mais numerosos do que aqueles de há quarenta e cinquenta anos atrás. (LEITE FILHO, 17 set. 1980, p. 03)

O observador cita duas características atribuídas aos trotskistas das duas primeiras gerações do movimento: o trabalho intelectual como estruturante da militância e a sua pequenez numérica. O primeiro elemento está presente desde a fundação da Oposição de Esquerda no Brasil. As divergências com a política majoritária no Partido Comunista – sobretudo a atuação sindical e a tentativa de aproximação com Prestes – combinaram-se com a crítica às determinações da Internacional Comunista, mediadas pelas leituras de publicações estrangeiras. Mário Pedrosa e Lívio Xavier tiveram

importante papel na difusão de visões dissidentes sobre o que ocorria com os comunistas chineses e com Trotski na União Soviética, dois temas sensíveis ao movimento comunista da década de 1920. Os dois foram responsáveis pela escrita do documento *Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil*, interpretação da formação social brasileira que fornece base teórica aos organismos trotskistas dos anos 1930, sobretudo por analisar o Brasil de então como país capitalista, que se desenvolvia pela dinâmica desigual e combinada.

O segundo ponto trata-se da fragilidade numérica dos diversos organismos e partidos ditos trotskistas no Brasil. Se tal característica tornou-se mais amena após a redemocratização, ela acompanhou os trotskistas durante décadas.

Não sei se todos os jovens que se achavam naquela sala eram membros efetivos da organização. Para os efeitos que aqui interessam, não vem muito ao caso. Eram, pelo menos, suficientemente próximos para terem sido convocados ou saber, de qualquer modo, que a homenagem seria realizada. Não estavam lá por coincidência, como os velhos, exceto justamente Mário Pedrosa, convidado à última hora, pelo prestígio do nome, e Edmundo Moniz, que levou um discurso escrito e figurava, portanto, no programa – talvez o único sobrevivente da sua geração que parece continuar, no fundo, trotskista, pois Pedrosa rompeu, não apenas com o trotskismo, mas com o próprio Trotsky, pouco antes da morte deste, no debate sobre a questão da defesa incondicional da URSS. (LEITE FILHO, 17 set. 1980, p. 03)

Barreto Leite Filho cita Edmundo Ferrão Moniz de Aragão como “talvez o único sobrevivente” dentre os trotskistas de sua geração, mas o epíteto “trotskista” não prescinde de um complemento, o qual o autor usou a expressão “no fundo”. Tal conflituosidade não é exclusiva de Edmundo Moniz e permeia a trajetória de outros militantes, que não realizaram uma ruptura completa com as ideias de Leon Trotski.

### **Os estratos do tempo das rupturas**

Lívio Xavier, cearense nascido em Granja, interior do estado do Ceará, fez parte do Grupo Comunista Lenine, primeiro grupamento de oposição de esquerda no Brasil, fundado no início de 1930. Embora seja uma figura de relevo na história da primeira geração de trotskistas brasileiros, Lívio Xavier tem uma breve passagem oficial pelas organizações inspiradas pela Oposição de Esquerda Internacional, deixando a Liga Comunista Internacionalista – nome adotado pelo GCL – em 1935, por divergências com a tática de enfrentamento com os integralistas. Lívio nunca mais retomaria

qualquer atividade formal em partidos e na sua coluna publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, temas ligados diretamente à disputa política não eram abordados<sup>1</sup>. Entretanto, é possível deduzir um zelo intelectual pela tradição política trotskista em Lívio Xavier, sobretudo por razão da compulsão arquivística e de seu universo de leitura. Em 1979 o Estadão entrevistou o antigo colunista, que ao ser perguntado se algo havia restado do trotskismo, respondeu: “Não posso falar nisso, pois sou trotskysta. Ou melhor, fui trotskysta” (XAVIER, 1 jul. 1979, p. 12). Ao caminhar pelo apartamento tomado por caixas que armazenavam periódicos e documentos acumulados ao longo de uma vida, Lívio mostra um livro recém-adquirido.

De fato, não tenho razão alguma para guardar. Acho que sou apenas um arquivista. Destaco a página inteira. No entanto, não dependo dos recortes, entendem? Vejam este livro aqui, por exemplo. Ele contém tudo o que se pode querer saber a respeito de Trotsky, cronologia completa, é de fácil manuseio e verificação. Deve estar ainda à venda, pois eu o comprei há pouco. (XAVIER, 1 jul. 1979, p. 12)

Companheiro de militância e amigo de Lívio Xavier, Mário Pedrosa ganhou até uma versão heróica como fundador do trotskismo no Brasil, pois não raramente a sua doença contraída durante uma viagem para Moscou foi citada como o motivo para a sua adesão às teses oposicionistas. Se a explicação é mais complexa do que o convencimento durante a estadia na Europa, o papel de Pedrosa como uma das lideranças do movimento é inegável. Porém, assim como Lívio, Pedrosa não teve uma longa vida organizativa no grupamento que viraria, com sua ajuda no final da década de 1930, seção da IV Internacional no Brasil. Em fevereiro de 1940, meses antes do assassinato de Trotski no México, Pedrosa deixa o movimento trotskista internacional. As razões do rompimento eram as divergências sobre a defesa da URSS como Estado operário degenerado, contra a qual Pedrosa dirigiu os seus argumentos no texto *The defense of the U.S.S.R in the present war*, publicado nos Estados Unidos naquele ano.

A ruptura partidária é imediata, mas a afinidade intelectual e a identidade política seguem ritmos distintos. Koselleck (2014) ao tratar dos estratos do tempo e camadas de experiência, cita a singularidade e a recorrência como presentes nas rupturas que parecem inaugurar o novo despido de qualquer elo com o que se quer

---

1 Lívio Xavier assinava a coluna Revista das Revistas e, com o tempo, ganhou a alcunha de “mestre” na redação do jornal O Estado de S. Paulo.

deixar para trás. “De repente nos deparamos com um novum e, portanto, com um minimum temporal que define o antes e o depois. Rompe-se, e precisa ser reconstituído, o continuum entre a experiência adquirida e a expectativa daquilo que virá” (p. 23). Se observar tais mudanças e seus diferentes ritmos é parte do ofício do historiador, em Pedrosa podemos ver a persistência do trotskismo como identidade afirmada sobre ele – vide o convite para o ato da Convergência Socialista – e sua continuidade no campo das ideias divergentes de esquerda, sem renegar Trotski mas se aproximando de Rosa Luxemburgo.

Voltemos ao “último sobrevivente”. Nascido em 1911, Edmundo Moniz era baiano, filho de Antônio Ferrão Moniz de Aragão, governador do estado da Bahia entre 1916 e 1920 e senador da República. Edmundo, no início da década de 1930, já residindo no Rio de Janeiro, integra-se à juventude do Partido Comunista e, seguindo as diretrizes de ampliação do arco de alianças dos comunistas, figurava entre os diretores do Club de Cultura Moderna. O CCM era um movimento que buscava reunir a intelectualidade e promover palestras e cursos, que acabou aderindo à Aliança Nacional Libertadora.

Aproximar-se da intelectualidade fazia parte do conjunto de medidas que deveriam nortear as seções da Internacional Comunista a partir de seu VII Congresso, ocorrido em 1935. A tática anterior, marcada pela atribuição do status de inimigos ao movimento da social-democracia, chamada de social-fascismo pelos comunistas, fora substituída pela necessidade de ampliação de alianças e inclusão de setores da burguesia que estivessem em contradição com o imperialismo. No Brasil, o chamado pela aliança uniu-se aos traços militaristas do Partido Comunista e aos desejos da Internacional Comunista, que era simpática à “ocorrência de movimentos revolucionários na retaguarda do imperialismo e de interesse crescente para o fascismo internacional, como era o caso do Brasil” (ROIO, 1988, p. 341). O ímpeto revolucionário do malfadado levante de 1935 carregava traços desses elementos.

Não é possível afirmar com precisão o momento em que Moniz se integra aos trotskistas, mas existem duas indicações da saída de Moniz do PCB. Ambas relacionadas ao seu descontentamento com o desfecho da atuação da ANL. A primeira delas foi exposta por Marcos Tadeu Del Roio em sua tese de doutorado sobre a política

de alianças dos comunistas entre 1928 e 1935. Segundo ele, Moniz teria sido expulso junto com outros militantes que se opunham à tática insurrecional.

As divergências perceptíveis desde o lançamento da palavra de ordem de “Todo o poder a ANL” chegou a um ponto de ebulição em outubro, quando, em reunião do CC, foram tomadas medidas administrativas de expulsão. As bases gráficas e bancárias, esta já criticada na sessão plenária do CC de julho, eram os principais pontos de resistência à linha insurrecional a qualquer custo. Além de Mário Grazzini e Anibal Magalhães (Tupinambá) foram também afastados do PCB, se orientando para posições trotskistas, Barreto Leite Filho, que teve cancelada sua recente admissão ao partido, Febus Gikovate, os irmãos Augusto, Lídia e Marino Besouchet, e ainda Edmundo Moniz. (ROIO, 1988, p. 374-375)

O segundo indício vem do livro de John F. Dulles, que entrevistou Moniz para escrever o livro *O comunismo no Brasil* (1985). Nele, Dulles o aponta como trotskista no momento da tentativa de insurreição em 1935.

Em 1935, *A Luta de Classe* criticava a ANL, perguntando como poderia a luta contra o imperialismo ser levada a cabo sem se lutar contra a burguesia. Embora os trotskistas se referissem à ANL como oportunista e denunciasses sua incapacidade de definir as classes com precisão e de entregar a trabalhadores a direção da luta, participaram do movimento da ANL. Depois que esta foi fechada em julho de 1935, o plano do PCB para um levante foi condenado por todos os trotskistas que dele tiveram conhecimento. Edmundo Moniz, estudante de Direito ligado à Liga Comunista Internacionalista, recusou um convite do capitão do Exército Agildo Barata para apoiar o plano do PCB. Ele advertiu Agildo Barata de que a insurreição seria um absurdo e resultaria fatalmente na prisão de trotskistas que nada tinham com ela. (1985, p. 45)

A advertência dada à época se concretizou e a repressão do Estado brasileiro presidido por Getúlio Vargas caiu sobre responsáveis e opositores do levante. Militantes do PC e dissidentes trotskistas dividiram o cárcere. Especificamente sobre Moniz, o livro de Dulles trata-o como um militante bem estabelecido da LCI, mas o mostra também como um sujeito com contatos com a direção do Partido Comunista. Portanto, seria possível que Moniz, no interior do PC, mantivesse relações com os trotskistas e a divergência sobre a ofensiva aliancista tenha sido apenas o estopim para a tomada de um caminho já decidido.

Entre 1935 e 1940, Moniz militou junto aos trotskistas que restaram diante da repressão empreendida pelo Estado Novo. A LCI, praticamente desarticulada, dá lugar ao Partido Operário Leninista em 1937, que publicava o *Boletim de Informações*

*Internacionais*, jornal responsável pela circulação das resoluções dos órgãos preparatórios da IV Internacional, de textos de Trotski e artigos da imprensa operária no estrangeiro. Da passagem de Moniz pelo POL, que se transformou em Partido Socialista Revolucionário no fim da década, temos dois indícios presentes – mais uma vez – na obra de Dulles. Moniz teria ficado aborrecido com a defesa que Mário Pedrosa fez do voto em Luís Carlos Prestes para presidente em 1937. Preso desde 1936, Prestes seria o nome ideal, segundo Pedrosa, para encampar bandeiras da militância trotskista, como a anistia. “O POL reconhecia que ao proletariado jamais seria permitido eleger seu próprio candidato à Presidência da República. Mas sustentava que a votação de Prestes permitiria uma avaliação prática das forças da esquerda e demonstraria a real vontade das massas” (DULLES, 1985, p. 128).

A avaliação do POL sobre o papel de Prestes e do PCB como líderes dos trabalhadores brasileiros era assertivamente negativa, mas Pedrosa e o POL aparentemente tentariam usar a simbologia que a perseguição política deu ao “Cavaleiro da Esperança”. Moniz, com sua divergência, mostrava o traço marcante de seus escritos da década seguinte, o intenso anti-varguismo e anti-prestismo. Em 1940, a militância organizada em um partido chegou ao fim.

### **O Estado e a burocracia na União Soviética**

As considerações de Trotski acerca da burocratização na direção do Estado russo mudaram ao longo das duas décadas que vão da Guerra Civil ao seu assassinato em 1940. Perry Anderson (2016) estabeleceu uma periodização para as suas elaborações sobre o fenômeno da burocratização e do stalinismo. A primeira fase de suas reflexões encontra materialidade na publicação, em 1923, do trabalho *Novo Curso*, onde Trotski está próximo ao que Lenin pensava da burocratização como traço marcante do tzarismo e da incapacidade técnica do povo russo assumir as tarefas administrativas do Estado. Entretanto, somava a isso uma novidade: a transferência das características da burocracia do aparelho de Estado para as fileiras partidárias. Nisso, a burocratização era um fenômeno novo.

O *Novo Curso* foi escrito quando Trotski ainda não havia sido derrotado por Stalin. Assim, o segundo momento de sua crítica inaugura-se pela derrota inicial em

1924 e arrasta-se até 1933, com a subida de Hitler ao poder na Alemanha. Acontecimento que marcou não só uma mudança de terminologia, mas a perspectiva de ação prática, com o chamado à construção de uma nova internacional.

Na segunda fase de sua abordagem, Trotski levava em consideração a formação de diferentes alas no partido. A esquerda, da qual ele se sentia parte; o centro stalinista e a direita encampada por Bukharin. A tese do “centrismo burocrático” seria abandonada em 1933, quando começa o que Perry Anderson chama de fase “madura” de suas teorizações sobre a União Soviética. Como questão principal e ponto de uma extensa polêmica, estavam a caracterização de que

o stalinismo representava o poder do estrato burocrático, emergido da e parasitando a classe trabalhadora, não como uma nova classe. Este estrato não ocupava um papel estrutural independente no próprio processo de produção, mas derivava seus privilégios econômicos através da poder político de confiscação dos produtores diretos, no âmbito das relações de propriedade nacionalizadas. (ANDERSON, 2016, p. 04)

A relutância de Trotski em tratar a burocracia como uma nova classe dominante e, conseqüentemente, a política de defender a União Soviética em caso de um confronto com as potências imperialistas do globo, causaram desconforto em parte significativa dos militantes da IV Internacional. O Socialist Workers Party, seção norte-americana da IV, foi cenário de uma cisão relevante em 1940, meses antes da morte de Trotski, capitaneada por James Burnham e Max Shachtman, que fundaram um novo e – novamente – dividido partido. Mário Pedrosa acompanhou o desenrolar da polêmica e acompanhou a ruptura vinda do norte. Deixou um registro de suas ideias em um texto – *The defense of the U.S.S.R in the present war (1939)*<sup>2</sup> – publicado pelo SWP em seu *Internal Bulletin*.

Edmundo Moniz também se afastou da IV Internacional, naquele momento representada no Brasil pelo Partido Socialista Revolucionário. Embora não existam textos assinados por ele na ocasião de sua saída, na década de 1940 Moniz teria de acertar contas com o trotskismo e com as suas ideias diante da União Soviética. Nos anos em questão, Moniz passa a escrever para a revista *Carioca* e para o jornal *Correio*

---

2 O texto foi publicado em português décadas depois, a partir de uma tradução do ex-militante trotskista Fúlvio Abramo. PEDROSA, Mário. A defesa da URSS na guerra atual. in: **Cadernos AEL**, v. 12, n. 22/23, 2005, pp. 287-320.

da Manhã, onde já trabalhavam sua prima Niomar Sodré, futura proprietária do matutino e seu irmão Heitor Moniz.

Se a ruptura partidária pode ter o seu momento apontado com exatidão, os laços com o “trotskismo” como identidade política obedecem a outras dinâmicas. Em 1943, Edmundo publica um texto na *Carioca* sobre a tradução do livro *Stalin*, do escritor Emil Ludwig, publicado no Brasil pela Editorial Calvino. Ludwig era um autor popular no Brasil, sendo comum encontrá-lo entre os responsáveis por textos publicados em revistas de grande circulação, como *O Cruzeiro*. A versão lançada no Brasil teria “cortes de textos e de frases inteiras, interpolações, ajeitamento de períodos, tudo isso que transforma enormemente o pensamento do autor” (MONIZ, 1943, p. 08), especialmente naquilo que contribuía com uma imagem positiva de Stalin e prejudicava Trotski. A crítica era amparada pelo conhecimento que o autor tinha das edições saídas na França e Espanha.

Para Ludwig, Staline, que mostrou qualidades para suceder Lenine no poder, quase não havia contribuído para o êxito da revolução. Este pensamento se encontra na tradução francesa (Editions de la Maison Française, Inc. Nova York – 1942) pág. 62. e na tradução espanhola (Editora Inter-Americana – Bueno Aires – 1942) pág. 64. Mas não vemos, entretanto, na edição brasileira. (...) a tradução portuguesa oculta a ação quase obscura e quase nula de Staline na preparação da revolução, que levou os bolcheviques ao poder, põe em relevo como se pode verificar no capítulo que trata das divergências militares entre Staline e Trotski por ocasião da guerra civil, a seguinte frase: “Nesse verão de 1918, Staline salvou a Rússia e a Revolução”. (MONIZ, 1943, p. 08)

Porém, o exemplo mais destacado da tradução que alterara o sentido dos fatos era o documento que ganhou fama como o “testamento de Lenin”. Nos últimos dias de 1922, Lenin ditou uma carta aos camaradas do Partido Comunista, que acabou virando o seu testamento e registrara os seus derradeiros desejos. O conteúdo não era um manifesto em favor de Trotski, pois também continha reservas à personalidade de Leon, mas tornou-se um objeto da disputa entre este e Stalin. Em duas passagens, o líder bolchevique colocava em dúvida a capacidade do georgiano continuar à frente do Partido Comunista da União Soviética. Na primeira, Lenin afirma que Stalin concentrou demasiado poder em suas mãos e talvez não soubesse usá-lo de maneira adequada. Já no segundo trecho, um pós-escrito de janeiro de 1923, Lenin era enfático em pedir a substituição de Stalin do cargo que ocupava (DEUTSCHER, 1968, p. 81). Em seu artigo

para *Carioca*, Moniz apresenta três versões do testamento, uma em português, publicada no Brasil em 1942, uma em francês e uma em espanhol. Contrapondo-as ao texto impresso nas páginas do livro de Emil Ludwig.

A edição brasileira transformou a negativa numa afirmativa. Vejamos: “O camarada Staline, tendo sido feito secretário geral, concentrou um enorme poder nas suas mãos, e “estou certo” de que sabe sempre usar esse poder com suficiente cautela”. Pág. 96. Mais adiante, quando Lenine aconselha, no P.S. do testamento, a substituição do secretário geral do Partido, Staline, por um outro que seja “mais leal” se transforma na necessidade de um “mais cordato”. (MONIZ, 1943, p. 08)

A Editorial Calvino, fundada por João Calvino Filho em 1929, dedicava – desde os anos 1930 – parte de seu catálogo aos livros de autores e autoras marxistas e/ou que abordavam a Rússia pós-revolução. Juberte (2016) indica que Calvino acabava demonstrando simpatia pelos comunistas e ocupava também um lugar no mercado de livros no Brasil, que aparentemente mantinha curiosidade sobre a União Soviética. O ímpeto de circular tal literatura é interrompido pela perseguição do governo Vargas, sobretudo a partir de 1935, quando o levante patrocinado pelos comunistas é utilizado como gatilho para a repressão dirigida aos opositores. Na década seguinte, Calvino aproveitou o relaxamento da perseguição aos comunistas, motivada pelo apoio brasileiro aos aliados na Segunda Guerra, e voltou a lançar livros sobre a Rússia.

Além do trabalho editorial, Calvino era figura presente na imprensa. Não raramente, escrevia artigos para o jornal carioca *Diário da Noite*. Foi em suas páginas que respondeu as críticas que Moniz dirigiu à biografia de Stalin. O título fazia uso do significado comum ao termo trotskismo manuseado na década de 1940: “A Quinta-Coluna em ação. Desmascarando um trozkista”. O texto não citou o nome de Edmundo Moniz em momento algum, referindo-se ao jornalista como “irmão do sr. Heitor Moniz” e creditava ao parentesco com o diretor de *Carioca*, a oportunidade de Edmundo escrever na revista. Como veremos, Moniz adquiriu uma reputação que não pode ser reduzida aos seus laços familiares, entretanto, as suas ligações sanguíneas fazem parte do trajeto percorrido pelo intelectual.

Em sua resposta ao texto de Edmundo, Calvino afirma que a edição brasileira baseara-se no exemplar norte-americano, posterior às versões citadas por Moniz. O editor, simpático ao comunismo, manobrava a retórica anticomunista para atacá-lo.

Um pretensioso crítico, irmão do sr. Heitor Moniz, diretor de “Carioca”, valendo-se dessa circuntancia, decerto, conseguiu publicar nessa revista uma série de falsidades sobre a nossa edição “Stalin”, de Emil Ludwig, para poder endeusar Trotski, o comunista da “revolução permanente”, do comunismo internacional e intervencionista, através do desaparecido Komintern. (...) Estamos certos de que o sr. cel. Costa Neto, tão ferrenho inimigo do comunismo, não tomou conhecimento do artigo do irmão do sr. Heitor Moniz, senão teria proibido a sua publicação, visto tratar-se claramente de maliciosa propaganda de Trotski e de suas ideias, além de uma injúria estúpida contra a nossa editora, que sempre se inspirou, para editar, nos supremos interesses do Brasil e da Democracia. (CALVINO, 08 set. 1943, p. 02)

Calvino apelava para a censura, chamando a atenção do coronel Luís Carlos da Costa Neto, militar indicado por Vargas para gerenciar os ativos do grupo “A Noite”, encampado pelo governo. Desse modo, o Estado controlava os jornais *A Manhã*, *A Noite*, a *Rádio Nacional* e a *Revista Carioca*. A nota da Editora ainda prestava outro afago ao governo, afirmando que publicou como apêndice da edição brasileira de *Stalin*, as constituições da Rússia e do Brasil, para mostrar aos leitores como a carta brasileira era avançada.

A “denúncia” do comunismo de Moniz fez efeito e a tréplica do debate não é feita pelas páginas de *Carioca*, como esperado. Edmundo inaugura a sua participação com artigos assinados no jornal carioca *Correio da Manhã* com a resposta à nota da Editorial Calvino, apresentando a edição norte-americana do livro em discussão, que havia sido indicada pelo editor como original traduzido para o português. A passagem que cita o testamento de Lenin, no livro em inglês, os termos “loyal” e “rude” estão presentes, como Moniz advertira.

A querela, que julgara encerrada, ganhou mais dois capítulos. No primeiro, amparado em uma decisão judicial, Calvino faz publicar nas páginas do *Correio da Manhã* a sua resposta à tréplica de Moniz, intitulada “Trotskismo é igual a quintacolonismo”. O termo utilizado para atacar o jornalista é curioso. “Quinta-coluna” é uma expressão nascida da Guerra Civil espanhola na década de 1930. Conta-se que no cerco que as tropas de Franco fizeram à cidade de Madri, eram quatro colunas militares, a “quinta-coluna” seriam os indivíduos que, no interior da cidade, colaboraram com o general. Assim, a expressão ganhou o significado de traição e sabotagem. Calvino a mobiliza porque ela abriga em si uma ambiguidade de objetivos. A suposta traição

poderia ser entendida da perspectiva nacional, do comunismo que Moniz pregava em solo brasileiro ou observada sob o viés das disputas entre comunistas, os quais, em sua maioria, construíram uma imagem da dissidência aos ditames de Moscou como agentes da espionagem e sabotagem internacional. O termo trotskista, até então, era sinônimo de características pejorativas.

Como ato final da discussão, Moniz traduz um capítulo que constava na edição norte-americana e que Calvino afirmou não ter saído no Brasil por não ter sido enviado pelo autor. Para Moniz, o capítulo adquirira importância no debate pois ele era o relato do encontro entre Ludwig e Stalin. O texto, segundo ele, era desfavorável ao secretário-geral. O “Esboço de um retrato”, embora não tecesse qualquer elogio a Stalin, também não o fustigava com intensidade, apenas citava o seu tratamento pouco comunicativo e falava de Lenin e Trotski como mais capacitados.

Após a polêmica com Calvino, Moniz passa a ser figura frequente no *Correio da Manhã*. Em 1945, o jornal se torna um veículo importante de divulgação da União Socialista Popular, organização política transitória, visando a constituição de um novo partido socialista. Em sua formação inicial estavam, além de Edmundo Moniz, Mário Pedrosa e Evaristo de Moraes Filho. O seu manifesto de fundação elencava como bandeiras de luta o retorno das liberdades políticas, como o direito de greve e de organização. A U.S.P foi o canal de intervenção de Moniz na conjuntura eleitoral daquele ano. Na corrida presidencial, a organização acaba por divulgar apoio ao brigadeiro Eduardo Gomes, atitude que não era isolada, visto que a Esquerda Democrática, grupamento nascido também naquele ano, aderira ao candidato da União Democrática Nacional.

Paralelamente à construção da U.S.P, Moniz colabora com o jornal *Vanguarda Socialista*, publicação encabeçada por Mário Pedrosa e outros ex-trotskistas. Entretanto, as duas experiências tem vida curta, já que a Esquerda Democrática, com o projeto de criar o Partido Socialista Brasileiro, esvaziou a U.S.P e transformou a *Vanguarda* em folha partidária. Moniz, que não aceitou se juntar ao novo partido, gira a sua militância para a atividade intelectual através do *Correio da Manhã*.

Não demoraria muito para que Edmundo tivesse de encarar o epíteto de “trotskista” e dar sentido à sua identidade política novamente. No dia 15 de maio de

1945, Herculino Cascardo, responsável pela publicação de *Diretrizes*, revista que ressurgia após o seu fechamento pelo Departamento de Imprensa e Propaganda do governo Vargas, publicou uma nota na imprensa, dizendo que *Diretrizes* não se tratava de uma publicação trotskista, “uma corrente cujas ligações com o nazismo ninguém ignora” (CASCARDO, 15 mai. 1946, p. 01). A associação entre Trotski e os alemães era antiga e fora requeitada por Stalin nas disputas pelo poder. Moniz não estava diretamente implicado no texto de Cascardo, mas responde à nota do diretor. Para fazer isso, não se refere ao seu engajamento em grupos identificados com a tradição da Oposição de Esquerda e/ou seções da IV Internacional. Fala de trotskismo como um rótulo atribuído aos comunistas que divergiram da política soviética de então.

os elementos que permanecem fieis aos princípios fundamentais do socialismo científico, estabelecidos por Marx e Engels, são atualmente, no mundo inteiro, chamados de trotskistas, julgo-me no direito de falar em nome deles. (...) quero esclarecer que o trotskismo não constitui nem poderia constituir nenhum movimento com características próprias dentro do campo do socialismo científico. (MONIZ, 18 mai. 1945, p. 02)

Moniz não achava adequado ser definido de “trotskista”, mas não escondia o líder bolchevique pois tentava demonstrar por ele uma admiração que reservava a outros nomes da tradição socialista, como Rosa Luxemburgo e Lenin. A reconstrução da identidade política caminhava ao lado da localização na disputa política que atravessava o Brasil no momento em que Vargas deixava o poder. Moniz demarcava também uma posição sobre o que deveriam fazer as esquerdas no instante da redemocratização.

Trotskistas, aceitando o termo, são todos os que permanecem dentro do marxismo, os que não caíram no revisionismo, os que não aceitam a linha reformista e renegada da colaboração de classes. Trotskistas são os que, na atual conjuntura da política brasileira, fazem frente única, para fins práticos, a derrubada da ditadura por exemplo, com tôdas as correntes da burguesia liberal, sem admitir, entretanto, nenhuma concessão de caráter doutrinário. (MONIZ, 18 mai. 1945, p. 02)

O que o articulista defendia entrava em rota de colisão com Prestes e o Partido Comunista, a quem Moniz dedica quase todos os seus artigos escritos em 1945. Neles é possível identificar os estratos da experiência sendo movidos sob ritmos diferentes. Em “A falsificação das ideias”, Moniz critica Prestes pela sua aliança com Vargas e pelas concepções acerca das perspectivas da revolução no Brasil.

Para Luiz Carlos Prestes só podemos tratar do socialismo quando o Brasil atingir um grande desenvolvimento industrial e financeiro, libertar-se economicamente da influência do capital estrangeiro, dividir os latifúndios, mecanizar a agricultura – ser, de facto, uma potência capitalista. Enquanto o país não alcançar esta etapa de seu desenvolvimento histórico, o proletariado não deve criar dificuldade à “burguesia progressista” com exigência importunas e inoportunas. (MONIZ, 05 ago. 1945, p. 01)

Moniz interpretava a formação social brasileira de maneira distinta. A compreendia como uma realidade a pôr em convivência o moderno e o arcaico, não tendo realizado as transformações estruturais no campo e sendo atravessada pelo imperialismo a ponto de ser uma nação semicolonial. Tal visão sobre o Brasil estava de acordo com os fundamentos do grupo que se constituiu como expressão nacional da Oposição de Esquerda quando fala do país como uma economia capitalista, com sua dinâmica desigual e combinada, mas possui uma sensível alteração que indica o principal distanciamento das ideias de Trotski. Em “Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil”, escrito por Mário Pedrosa e Lívio Xavier (usando pseudônimos) para embasar a militância da Oposição de Esquerda no país, as transformações da economia brasileira são tidas como capitalistas e a burguesia nacional não teria condições “econômicas estáveis que lhe permitam edificar uma superestrutura política e social progressista” (CAMBOA; LYON, 1987, p. 74).

Se Moniz estava de acordo sobre a estrutura capitalista de nossa economia, nutria alguma expectativa em frações da burguesia nacional desempenharem papéis democráticos. “A ascensão do movimento popular, em vez de acovardar a burguesia democrática e a pequena burguesia, só poderá precipitá-las no campo da luta. A burguesia democrática não hesitará em se aliar com os socialistas nem os socialistas com a burguesia democrática” (MONIZ, 05 ago. 1945, p. 02). A contradição entre a burguesia e o varguismo seria encontrada na concentração do poder nas mãos do governo, que colocaria em risco os direitos de propriedade. “Se a burguesia nacional teme o comunismo também reconhece que o totalitarismo não lhe convém no momento” (MONIZ, 23 set. 1945, p. 02). A aliança com setores burgueses que empunhavam palavras de ordem democráticas se materializou na candidatura de Edmundo Moniz ao cargo de vereador da cidade do Rio de Janeiro pela UDN em 1946.

Derrotado nas eleições, onde se apresentou como um socialista, Moniz dedicou a maior parte de sua produção entre 1946 e 1950 aos temas vinculados à União Soviética. Assim, deixou registrado as suas divergências com Trotski sobre a questão do Estado na Rússia. Como vimos, Trotski alterou algumas vezes a sua percepção acerca do papel dos dirigentes estatais soviéticos, mas manteve a caracterização do Estado como operário, estruturado sobre a propriedade coletivizada. Ao ser questionado sobre a transformação da burocracia em uma nova classe, Trotski respondia que não. Mas essa não era uma interpretação consensual.

Pouco antes da deflagração da guerra, um ex-trotskista italiano, Bruno Rizzi, respondeu afirmativamente a essa pergunta, num pequeno livro pouco percebido mas influente, *La Bureaucratization du Monde*, publicado em Paris. (...) a burocracia, replicou Rizzi, possuía os meios de produção e acumulava lucros, com a diferença apenas que o fazia de modo coletivo e não individualmente. (DEUTSCHER, 2006, p. 517)

A obra de Rizzi não foi publicada no Brasil e não há indícios do contato direto de Moniz com suas ideias, mas indiretamente as questões debatidas foram as mesmas. Para Moniz, o Capitalismo de Estado era a forma superior do sistema de produção, que substituíra a competição no interior do Estado-nação para a disputa entre potências imperialistas, dentre as quais a União Soviética chegara primeiro ao que ele imaginava ser o destino do desenvolvimento capitalista. Já a burocracia, não seria uma nova classe social, no sentido pleno do conceito. O corpo burocrático, destacado da sociedade, adquirira o lugar e função de uma nova burguesia.

Com essas análises, Moniz parecia querer acertar contas com a sua trajetória militante e justificar a sua manifesta antipatia para com o Partido Comunista. Isso não o fez se distanciar do marxismo, já que as suas referências continuavam sendo os autores clássicos da tradição. Entretanto, suas elaborações eram divergentes das teses comuns nos meios de esquerda.

A sua produção intelectual sobre a Rússia e os temas da história do marxismo torna-se rarefeita a partir de 1950, mas sua afinidade intelectual com Trotski continua afirmada por ele – em 1968, Moniz resenhou para o *Correio da Manhã* os três volumes da biografia escrita por Isaac Deutscher – ou sobre ele. Moniz aparece nos documentos que o Estado brasileiro produzia sobre os seus opositores durante a ditadura instalada

em 1964 como um organizador do movimento trotskista, mesmo que a sua militância estivesse próxima de outros campos, tais como a Frente Ampla e o brizolismo que acaba fundando o Partido Democrático Trabalhista.

Após a redemocratização, Moniz escreve “A originalidade das revoluções”, livro que carrega o título daquilo que então defendia: os processos de transformação social bebiam em uma tradição política mas se apresentavam sempre com traços originais. Portanto, não cabia um modelo rígido a ser exigido da experiência brasileira. A obra lembra o papel que Koselleck atribui à reflexão dos derrotados, aqueles que “se veem diante da necessidade de explicar por que algo ocorreu de modo diferente do que havia sido pensado” (2014, p. 64). Nela, Moniz se reconcilia com a ideia da União Soviética ser um Estado Operário, mesmo durante o período em que Stalin estava à sua frente.

Falecido em 1997, Moniz continuaria a ser lembrado como um trotskista<sup>3</sup>.

---

3 Elio Gaspari, em A ditadura envergonhada, chama-o de “veterano trotskista” (2002, p. 62) e nas polêmicas sobre os editoriais do Correio da Manhã em 1964, a militância política de Moniz costuma ser lembrada como identidade conflitante com os textos do jornal.

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. A interpretação de Trotsky sobre o estalinismo. **Novos Rumos**, v. 53, n. 1, 2016.
- CAMBOA, M.; LYON, L. Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil. In: ABRAMO, Fúlvio; KAREPOVS, Dainis (orgs.). **Na contracorrente da história**: Documentos da Liga Comunista Internacionalista (1930-1933). São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CASCARDO, Herculino. Sobre o reaparecimento de Diretrizes. **Correio da Manhã**, 15 mai. 1945.
- DEUTSCHER, Isaac. **Trotski: o profeta banido** (1929-1940). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- DULLES, John F. W. **O comunismo no Brasil: 1935-1945**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- EDITORIAL CALVINO. A quinta-coluna em Ação. Desmascarando um trozkista. **Diário da Noite**, 08 set. 1943.
- GASPARI, Elio. A ditadura envergonhada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.
- LEITE FILHO, Barreto. Rito de iniciação. **Folha de S. Paulo**, Opinião, 17 set. 1980.
- MONIZ, Edmundo. A tradução de “Staline” de Ludwig. **Revista Carioca**, ed. 413, 1943.
- \_\_\_\_\_. Sobre o reaparecimento de “Diretrizes”. **Correio da Manhã**, 18 mai. 1945.
- \_\_\_\_\_. A falsificação das ideias. **Correio da Manhã**, 2ª seção, 05 ago. 1945.
- \_\_\_\_\_. As palavras e os atos. **Correio da Manhã**, 2ª seção, 23 set. 1945.
- ROIO, Marcos Tadeu Del. **A classe operária na revolução burguesa**. (A política de alianças do PCB, 1928-1935). 1988. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, Campinas.
- XAVIER, Lívio. Poesia e cinema, as artes que sobreviverão. **O Estado de S. Paulo**, 1